

AS CONSTELAÇÕES DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO EM GILBERT DURAND

Marcos Aparecido Pereira¹
Epaminondas de Matos Magalhães²

RESUMO: Este trabalho visa elencar alguns pensadores do imaginário simbólico, especialmente aqueles que influenciaram o pensamento de Gilbert Durand. Além disso, buscaremos apresentar os conceitos básicos da obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, do mesmo autor, a fim de compreender como o estudo das imagens, dos símbolos, arquétipos, dos gestos e dos ritmos corporais podem ajudar a compreender a vida humana em si e, portanto, as sociedades, as diferentes culturas e suas manifestações, seja no que se refere ao campo do físico, concreto, ou imaterial e abstrato. Afinal, é do imaginário que nasce a vida como a conhecemos, delineando toda a sociedade, perpassando por nossa visão de mundo, de vida e de morte que sempre acabam representadas no texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Imaginário. Gilbert Durand. Conceitos.

CONSTELLATIONS OF THE SYMBOLIC IMAGINARY IN GILBERT DURAND

ABSTRACT: The present paper aims to list some academics of the symbolic imaginary, especially those who influenced the thought of Gilbert Durand. In addition, we will seek to describe the basic concepts of the work *The Anthropological Structures of the Imaginary*, by the same author, in order to understand how the study of images, symbols, archetypes, gestures and bodily rhythms can help to understand human life itself, and, therefore, societies, different cultures and their manifestations, whether in terms of the physical, concrete or immaterial and abstract field. After all, it is from the imagination that life as we know it is born, outlining all of society, permeating our vision of the world, life and death that always end up represented in the literary text.

KEYWORDS: Imaginary. Gilbert Durand. Concepts.

1. INTRODUÇÃO

O estudo das imagens e da imaginação nem sempre foi visto como válido no meio científico, que geralmente se pauta no racional, no lógico, no concreto e no mensurável, logo tanto as imagens quanto a imaginação foram historicamente ganhando a fama de ilusórias, de irracionais, de enganosas e cópia da realidade. No entanto, Gaston Bachelard e vários outros pensadores a partir dele ousaram propor formas de produzir conhecimento, de fazer ciência, de

¹Doutor em Estudos Literários (PPGEL). Docente no IFMT, Campus Cáceres – Prof. Olegário Baldo. E-mail: marcos.pereira@ifmt.edu.br.

²Doutor em Letras: Teoria Literária (PUCRS). Docente no IFMT, Campus Pontes e Lacerda – Fronteira Oeste, PPGEN – IFMT, PPGEL – UNEMAT. E-mail: epaminondas.magalhaes@ifmt.edu.br.

interpretar as relações humanas e de compreender o mundo e tudo aquilo que foi (e é) criado pelo homem: por meio das imagens, da fenomenologia da imaginação.

Desse modo, é indiscutível o reconhecimento a pensadores do imaginário como Gaston Bachelard, Ernst Cassirer, Mircea Eliade, Henry Corbin e Carl Jung, pois ao desbravar caminhos e quebrar muros limitadores e nulificantes, eles foram capazes de abrir espaço no domínio hegemônico do pensamento da racionalidade e oferecer uma vertente mais holística e menos absoluta de se produzir conhecimento. É por essa vertente que segue o pensamento de Gilbert Durand, como ele mesmo reconhece em algumas de suas publicações.

Nesse percurso, poderíamos dizer, de forma bastante simplificadora, que Gaston Bachelard deu vida às pesquisas em torno das imagens e da imaginação ao debruçar-se sobre os sonhos, o devaneio e a imaginação poética (WUNENBURGER, 2017). Nesse contexto, ele teorizou tanto sobre o pensamento diurno (racional) quanto sobre o pensamento noturno (poético) e concluiu que a separação entre ciência e arte é um equívoco prejudicial para ambos os lados. Além disso, esse filósofo e poeta francês analisou a imaginação sob duas perspectivas: a formal e a material, estando nessa última, certamente, sua maior contribuição para o campo do imaginário, pois foi por meio dela que Bachelard trouxe a poesia à tona enquanto ciência e construiu uma fenomenologia da imaginação estabelecida diretamente na imagem. Por fim, esse pensador via em quatro elementos (água, terra, ar e fogo) a base fundante para uma sistemática de investigação das imagens e da imaginação criadora.

Ernst Cassirer, por sua vez, abriu as portas para a compreensão de que o homem é um ser simbólico e explicou que a humanidade, ao passar do mundo físico para o simbólico, foi capaz de encontrar o caminho para uma nova dimensão da realidade (SCOFANO, 2018). Já Mircea Eliade, ao estudar a história das religiões, estimulou a percepção dos mitos e das imagens simbólicas em diferentes sociedades. Além disso, esse historiador romeno discorreu sobre a organização dos símbolos em sistemas autônomos, religados entre si e que tendem a formar sentido na consciência das pessoas (THOMAS, 2017). Ambos focaram seu olhar no homem enquanto ser sociocultural e destacaram que as construções simbólicas são imprescindíveis a todas as sociedades, afinal a realidade é, na verdade, fruto dessas construções que modelam e dão sentido a ela.

Tal como Mircea Eliade, seguindo um ponto de vista da relação homem-religião, Henry Corbin colocou em evidência um tipo de mística da imaginação e disse que essa seria um corpo que envolveria o espírito, anteriormente a qualquer percepção empírica (THOMAS, 2017). Além disso, afirmou a existência de uma consciência imaginativa que conectaria o mundo dos sentidos e o do intelecto. Por fim, o pai da psicologia analítica, Carl Jung, entendia

a psique como conjunto sistêmico de autorregulação energética própria (ALMEIDA, 2018), no qual o processo de integração entre consciente e inconsciente leva à individuação e, portanto, à nossa constituição única de indivíduo. Nesse quadro, os sonhos e toda a gama simbólica que os forma ganham destaque como reveladores de “verdades ocultas” acerca das pessoas. Jung teoriza alguns conceitos bastante caros ao estudo do imaginário como, em especial, o de arquétipo e de inconsciente coletivo, esse que seria a “fonte de memórias filogenéticas (instintos) ou transculturais (arquétipos)” (RIBEIRO, 2019, p. 103). É importante frisar que tanto instintos quanto arquétipos influenciam nossa vida, sendo que o primeiro gera impulsos, desejos e pressões e o segundo, intuições, imagens e ideias (STEIN, 2020), logo, fazem parte de toda e qualquer atividade intelectual humana.

A partir da contribuição inaugural desses cientistas do imaginário, as fronteiras dicotômicas entre os redutos da racionalidade e do imaginário foram aos poucos sendo relativizadas, possibilitando-nos uma compreensão mais ampla da nossa existência, afinal, o ser humano e o seu processo evolutivo não podem ser explicados por uma única característica, haja vista que é o fluxo constante de instintos, emoções, sentimentos e pensamentos racionais que nos leva a viver cada dia, do mais banal até aquele no qual realizamos nossas maiores conquistas.

Nesse cenário, o universo simbólico é imprescindível, pois quando “o homem descobre e desenvolve o poder de construir um mundo à imagem e semelhança de sua imaginação” (SCOFANO, 2018, p. 277), nasce toda nossa sociedade, em especial as linguagens, as religiões, as artes, a ciência e a tecnologia. Contudo é preciso lembrar que romper com uma tradição milenar que dá integralmente às faculdades racionais todos os beneméritos de nosso processo evolutivo e, sobretudo, reconhecer o lugar de destaque da imaginação, seja no que se refere à construção de conhecimento, à manutenção de nosso equilíbrio psíquico ou à organização do homem em sociedade ainda é um desafio científico-cultural.

Felizmente, houve e há, além dos mencionados, outros pensadores que trataram do imaginário e que se puseram a favor dessa empreitada de mudança de paradigma, entre eles, a título de exemplo, poderíamos citar: Sigmund Freud, Cornelius Castoriadis, Edgar Morin e Michel Maffesoli.

Assim, é preciso mencionar que esse é um campo de estudos que ainda oferece vastas oportunidades de pesquisas e teorizações, afinal, ele vem sendo explorado há pouco mais de cem anos, ao contrário, por exemplo, da lógica racionalista que, desde Aristóteles, cerca de trezentos anos antes de Cristo, se desenvolveu e se multiplicou por diversas áreas do saber.

2. O TEÓRICO E AS CONSTELAÇÕES DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO

O professor Gilbert Durand, da Universidade de Grenoble II, foi um dos maiores estudiosos ligados ao imaginário, à simbologia e à mitologia, em especial a obra *As estruturas antropológicas do imaginário*, publicada em 1960 pela primeira vez, e que ajuda a delinear este trabalho.

O estudo teórico-epistemológico desse pesquisador estabelece uma hermenêutica do imaginário que ajuda a compreender os aspectos psicológicos, sócio-histórico e, portanto, polissêmicos das imagens que estruturam e sistematizam nosso imaginário num processo que se estende desde nossos mais remotos primórdios até as ações mais corriqueiras de nossa época. Afinal, o imaginário ajuda a moldar o pensamento das pessoas, as culturas, os hábitos religiosos, as superstições e os costumes, do nascimento à morte, perpassando pelos papéis sociais, pelas noções de grupo e de individualidade e, até mesmo, pela percepção do passado e a idealização de futuro.

Assim, esse teórico ajudou a resgatar a importância das imagens frente àquilo que não pode ser compreendido apenas pelos fundamentos da lógica-razional, como a imaginação, a subjetividade e, sobretudo, o inconsciente. Durand (2004) explica que na sociedade ocidental, pouco a pouco, os “poderes da imagem” foram se tornando cada vez mais sinônimos de “não confiáveis”, de falsos e de ilusórios e, portanto, eles deveriam ser combatidos e afastados da razão, da ciência e até da religião. Desse modo, o trabalho desse pensador colabora na ação de repor a imagem e o imaginário em seu lugar de direito como forma perene de conhecimento, sem, contudo, tratar a razão como inimiga. Busca, dessa forma, contribuir com um reequilíbrio dessas forças que, infelizmente, muitas vezes, foram (e são) consideradas como concorrentes.

Adepto às teorias de Gaston Bachelard e Carl Jung, Durand (2019) estabelece, na obra em destaque, um processo de agrupamento e análise de símbolos colhidos em diversas culturas, levando em conta princípios biológicos, psíquicos, filosóficos, sociológicos, antropológicos e cosmológicos. Assim, ele demonstra a convergência dos símbolos e explica que eles se organizam e se estruturam por meio de isomorfismo e formam constelações de imagens. Nessas constelações, encontraremos estruturas simbólicas que nascem e orbitam em torno de uma representação abstrata, ou tendência estrutural geral dos gestos, denominada por ele *schème* (esquema).

Desse modo, a reflexologia postural, digestiva e copulativa, bem como os gestos e movimentos corporais ajudam a entender como esses princípios naturais do ser humano estão intrinsecamente relacionados com a nossa forma de perceber a realidade e, sobretudo, de

simbolizá-la. É sob essa perspectiva que Gilbert Durand conceitua três estruturas – esquizomórfica (heroica), mística e sintética – que, por sua vez, dão origem aos dois regimes do imaginário que detalharemos a seguir: Diurno e Noturno.

Essas três estruturas são provenientes de duas intenções básicas humanas, a de dividir e de unir, sendo que a primeira deriva o Regime Diurno e a segunda o Regime Noturno. Além disso, elas estão relacionadas fundamentalmente com as três formas que o homem encontrou de lidar com a morte, a saber: vê-la como um “monstro” que deve ser combatido; criar um universo harmonioso de coexistência com ela ou, então, compreender que ela é parte de um processo cíclico da natureza.

A barreira incompreensível e intransponível da morte sempre impulsionou o homem a buscar significado para a própria existência, afinal é a morte que dá sentido à vida, é a certeza do fim que a torna tão preciosa. Assim, a maior fragilidade humana foi aquela que mais nos excitou a criar, já que nenhuma outra temática foi tão representada ou especulada desde sempre. Ao mesmo tempo, nenhum outro assunto permanece categoricamente hipotético, a despeito de quaisquer variáveis sociais.

Na obra de Durand, a homologia das imagens aparece como forma de distinguir e de agrupar elementos, muitas vezes opostos, que exercem funções semelhantes ou, ainda, elementos semelhantes que desempenham papéis diferentes, dependendo do contexto em que aparecem. Assim, nos são apresentados os símbolos teriomórficos, nictomórficos e catamórficos, respectivamente, relativos à animalidade, à noite e à queda, bem como os símbolos ascensionais, especulares e diairéticos, todos ligados ao Regime Diurno; e, também, os símbolos de inversão, de intimidade e os símbolos cíclicos, relacionados ao Regime Noturno do imaginário.

No Brasil, de acordo com Danielle Perin Rocha Pitta (2018), as teorias desse pesquisador têm repercutido de diferentes formas, em várias áreas do conhecimento, desde a década de 70. Centros de Estudos e Grupos de Pesquisa inspirados na produção de Durand tratam, segundo a antropóloga franco-brasileira, de temáticas que vão da arte à política, do urbanismo à sexualidade, o que ressalta a abrangência do pensamento desse estudioso. Pitta (2018) constata, ainda, que essa abrangência tem provocado derivações dos métodos propostos por ele, à medida que se expandem por campos científicos diversos.

No campo dos estudos literários, um dos trabalhos mais interessantes que tivemos acesso foi o de Maria Zaira Turchi (2003), intitulado *Literatura e antropologia do imaginário*. Nele, a professora da Universidade Federal de Goiás busca, por meio dos regimes do imaginário

teorizados por Durand, o suporte para a classificação dos gêneros lírico, épico e dramático, exemplificando o papel dos símbolos dentro de cada gênero.

Conceitos e métodos operados por Durand em seus estudos aparecem muito frequentemente em trabalhos acadêmicos de áreas como psicologia, sociologia, filosofia, literatura, dentre outras, haja vista que a mitocrítica e a mitanálise são métodos de pesquisa bastante abrangentes. O primeiro interpreta os símbolos em obras literárias, abordando o universo mítico que emerge da leitura. Na mitocrítica, observa-se repetições, combinações de mitos e símbolos e, também, discute-se as lições dos mitos. Enquanto isso, na mitanálise busca-se perceber mitos explícitos (patente) e implícitos (latentes) que servem de orientação ou de bloqueio em determinados momentos históricos, expandindo o entendimento dos modos de pensar e agir em diferentes épocas e sociedades.

Em síntese, a compreensão da dimensão simbólica do homem proposta por esse pesquisador serve de base e enriquece estudos científicos de diferentes áreas do conhecimento, pois oferece uma percepção do universo imagético que moldou nossa jornada evolutiva e que ainda continua influenciando nossas ações diariamente. Além disso, a imaginação simbólica reestabelece o equilíbrio vital, psicossocial, antropológico, racional etc. (DURAND, 1993), algo que só essa “rainha das faculdades” (DURAND, 2004, p. 7) pode proporcionar; logo, tentar compreendê-la é, ao mesmo tempo, mergulhar no íntimo de nosso espírito individual e voar um instante pelo infinito.

3. O REGIME DIURNO DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO

O Regime Diurno do imaginário está ligado à noção de vitória sobre o destino e a morte, portanto, é o regime do “herói”, no qual aparecem símbolos de ascensão, especulares e de divisão. A constelação de símbolos de ascensão contempla as noções de: verticalidade, soberania e potência (soberania Uraniana), chefia e desanimalização (ou angelismo). A constelação de símbolos especulares, por sua vez, está relacionada à luz, ao sol, ao olho e ao verbo, portanto, aos conceitos de pureza e inteligência. Enquanto isso, os símbolos de divisão (ou diairéticos) tratam das armas do herói que sugerem as ideias de poder, purificação espiritual e destaque perante o grupo. Lembrando que essas armas podem ser físicas como a flecha ou a espada, ou espirituais ligadas aos rituais de purificação e batismo.

Desse modo, os elementos que compõem a estrutura esquizomórfica denotam a superioridade, a pureza, as virtudes e a sabedoria do “herói”. Nesse sentido, tudo aquilo que nos distingue dos demais seres, desde nosso reflexo postural de elevação até as nossas

faculdades intelectuais (DURAND, 2019), que nos dão capacidade para lutar contra o destino, o tempo, a destruição e a morte. É por isso que esse regime do imaginário é o regime da antítese, no qual estão presentes os princípios de distinção, separação, exclusão, contradição e de identidade.

Ainda no esteio do ato de separar, Durand propõe para essa estrutura as ideias de: idealização, ou seja, a perda de contato com a realidade; o geometrismo, tanto no quesito simetria ou de conhecimento das partes e subdivisões das coisas quanto de hipérbole, gigantismo; e, por fim, a ideia de antítese, polêmica de palavras que representam polos opostos – vida e morte, dia e noite, bem e mal.

No Regime Diurno, as angústias da passagem do tempo (negativo) e da morte, ou seja, daquilo que se opõem ao “herói”, ganham simbologias que se agrupam em constelações: 1) teriomórfica, na qual aparecem os movimentos incontroláveis e a agressividade dos animais, as ações de morder ou devorar, bem como o aspecto repugnante das larvas e dos insetos (fervilhamento) – vale lembrar que os símbolos teriomórficos como a pomba, o cordeiro, bem como os animais domésticos são considerados positivos por suas características dóceis; 2) nictomórfica, em que surgem as trevas que oferecem situações de perigos e ameaças diversas e, também, as águas, sobretudo as escuras, que são vistas como reduto de entidades maléficas e monstros devoradores que levam para o fundo, para sempre, ou, ainda, a imagem da mulher fatal, “devoradora”; 3) e, por fim, cartamórfica, relativa à queda, às experiências dolorosas da infância, ou aos pecados, ao fracasso etc. Ou seja, nesses três agrupamentos aparecem isomorfismos da própria morte que provoca medo, tanto pelo desaparecimento, “engolido” pela terra, quanto pelo suposto sofrimento, ainda que seja apenas o sofrimento da derrota da vida.

4. REGIME NOTURNO DO IMAGINÁRIO SIMBÓLICO

Enquanto o Regime Diurno possui apenas a estrutura do “herói”, o Regime Noturno é dividido em duas estruturas: a mística, também chamada de antifrásica, e a sintética ou dramática. De forma geral, nesse regime do imaginário, as ideias principais são de união e de harmonização, de conversão e de eufemismo, e, portanto, estão ligadas ao aconchego e à dialética do eterno retorno. Entretanto, Durand (2019) deixa claro que enquanto a estrutura mística promove a harmonia, por meio do ato de confundir, misturar os contrários, a estrutura sintética se utiliza da ligação entre os opostos, salvaguardando as diferenças existentes entre eles.

A estrutura mística do Regime Noturno estabelece um processo de eufemização até a total antífrase, ou seja, a inversão dos sentidos. Nela, a morte, por exemplo, é associada à paz, à quietude, ao descanso eterno, logo, a linguagem nas expressões de eufemismo é baseada na ambiguidade que tem a intenção de não revelar os sentimentos de angústia da morte.

Assim, nessa estrutura do imaginário, não podendo vencer a morte, o homem a nega e busca criar harmonia no aconchego e na intimidade em si e nas coisas (PITTA, 2017). Além disso, Durand (2019) explica que a dupla negação é a marca total da inversão representativa de sentidos que aparece nessa estrutura. Desse modo, se o homem não pode mudar seu destino mortal, ele não se preocupa com ele e busca alívio compensatório de outras formas.

Além disso, há a ideia da morte como retorno para casa ou para a mãe Terra, o que cria um isomorfismo com a terra, a pátria, a mãe pátria, a matéria e a Grande Mãe, entidade religiosa e psicológica em diversas culturas. Destaca-se que “o retorno ao lar materno, a descida à feminilidade divinizada” (DURAND, 2019, p. 220), gera a valorização positiva da figura da mulher e do eterno feminino presente na natureza que nutre seus filhos, e acrescenta-se que Durand (2019) ilustra que as águas são vistas como fontes fertilizantes, mães do mundo, enquanto a terra seria mãe dos homens.

A dominante digestiva dessa estrutura dá origem à constelação de símbolos de intimidade, de profundidade, de tranquilidade, de conforto, de descida lenta, de encaixamento, de redobrimento e de penetração. É importante mencionar que os alimentos e as substâncias ganham destaque nessa estrutura, sobretudo por causa daquilo que Durand (2019) chama de transubstanciação, ou seja, da mudança de sua essência.

O princípio da analogia e da similitude fazem parte da construção de sentido das representações homogeneizantes (preservação) e, também, do esforço antifrásico e aglutinante dessa estrutura, uma vez que ela tende a concentrar-se nas imagens de mistérios e de intimidade, na procura de repouso, de conforto e de satisfação das necessidades e, principalmente, na ideia de confundir e unir dos opostos, a fim de criar harmonia.

Nessa estrutura, apresentam-se as noções de preservação e redobrimento (repetição), de viscosidade e de adesividade antifrásica, de realismo sensorial e de miniaturização. Ou seja, essa estrutura mística se distingue abertamente da estrutura heroica, pois em muitas situações utiliza termos do regime de antítese, mas modifica sua percepção e, portanto, significação. A pureza se torna inocência, a noite perigosa se torna descanso e, além disso, a subida se torna descida e a soberania masculina é substituída pela feminilidade que protege e que dá aconchego a fim de construir uma atmosfera de equilíbrio e repouso.

Já a estrutura sintética do Regime Noturno agrupa símbolos cíclicos, portanto, sugere renascimento, recomeço e está ligada às fases da lua, às transformações temporais, às estações do ano e aos movimentos rítmicos, por isso se orienta pela dominante copulativa. Nessa estrutura, encontramos símbolos de determinação e de recomeço de períodos temporais, bem como os arquétipos da árvore, do filho, da cruz, da roda e do messias, ou seja, elementos que representam a harmonização de opostos e a progressão constante do tempo que surge a partir do movimento e da mutação.

Desse modo, a estrutura sintética caracteriza-se pelas ideias de amadurecer, progredir e voltar, portanto, a morte não precisa ser combatida, afinal ela é necessária para que haja renascimento. Além disso, ao contrário da estrutura mística, não é necessário “esconder”, por meio de eufemismos, o medo da morte, já que aqui ela não é vista como ponto final. Assim, o princípio da causalidade rege essa estrutura, pois há um processo em movimento em que o começo, o meio e o fim se alternam dialeticamente sob efeito das ações e do tempo.

Nessa estrutura, é comum que apareçam imagens tanto da estrutura heroica quanto mística, pondo em jogo, alternativamente, a valorização positiva e negativa das imagens, configurando-se, assim, sob as ideias de: dialética de antagonismos e, portanto, da conservação e da harmonização de contrários, como acontece na música ou na arte dramática e, também, na visão de progressão parcial ou total do tempo, em que a repetição leva à “troca” entre passado e futuro.

Durand (2019) explica que do ponto de vista do Regime Noturno, seja em sua estrutura mística ou sintética, muitas vezes há uma certa obsessão pela morte, dada a promessa de retorno, de imortalidade, de retorno ao paraíso, de epifania, algo que está bastante relacionado ao sacrifício, ou seja, à noção do negativo transformando em positivo e isso tanto no sentido de encontrar conforto quanto na perspectiva antifrásica.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gilbert Durand segue a perspectiva aberta por Bachelard e que é permeada por outros pensadores que buscam na imagem, na imaginação e no imaginário uma forma de produzir conhecimento, de compreender o ser humano, suas relações e manifestações sociais, artísticas e culturais. A teoria do imaginário simbólico oferece uma perspectiva única de se produzir dados científicos, haja vista que ela não rejeita a lógica racional tradicional, mas devolve à imaginação seu lugar de direito no processo de construção do pensamento, da própria lógica e de toda e qualquer interação humana. É por isso que essa perspectiva teórica é tão importante,

afinal, ela proporciona novas conexões de saberes, tenta reequilibrar as forças constitutivas e formadoras do ser humano e contribui com uma visão mais holística sobre diversos objetos de estudo.

À vista disso, o disposto em *As estruturas antropológicas do imaginário* amplia e multiplica conhecimentos acerca do universo das imagens e dos símbolos auxiliando pesquisadores das mais diversas áreas do conhecimento a entender como o ser humano evoluiu e, especialmente, como esse processo de evolução contínuo deixou sinais em nossa psique. Compreendemos que esses sinais, por sua vez, se manifestam em praticamente todas as atividades humanas no nosso cotidiano, sendo que é por isso que se faz tão necessário perceber como as constelações simbólicas descritas por Durand se organizam, se relacionam e se expressam em nossas vivências, interferindo na maneira individual de nos relacionarmos com a vida, com a morte e com tudo que dá sentido a elas.

No campo da literatura, contudo, essa é uma teoria ainda fértil que expande o olhar sobre a construção estética levando o pesquisador a notar como a elaboração do objeto literário emerge de um complexo dinamismo de imagens, símbolos e arquétipos que estão na base de nossa constituição e que, portanto, são capazes de convocar-nos ao entrelaçamento de experiências individuais e coletivas, sendo que é por isso que o texto literário tem a capacidade de movimentar nossa psique e levar-nos a sonhar com o impossível, como diria Llosa (2012).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Nilma Figueiredo. A importância da psicanálise para os estudos do imaginário. In: ALMEIDA, Nilma Figueiredo (org.). **Introdução aos pensadores do imaginário** [versão kindle]. Campinas, SP: Alínea, 2018.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. 4 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

DURAND, Gilbert. **Imaginação simbólica**. Lisboa: Edições 70, 1993.

DURAND, Gilbert. **O imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2004.

LLOSA, Mario Vargas. **A tentação do impossível**: Victor Hugo e Os miseráveis. Rio de Janeiro, Objetiva, 2012.

PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**: Curitiba: CRV, 2017.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite**: a história e a ciência do sonho. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOFANO, Reuber Gerbassi. A imaginação em Gaston Bachelard. In: ALMEIDA, Nilma Figueiredo (org.). **Introdução aos pensadores do imaginário** [versão kindle]. Campinas, SP: Alínea, 2018.

SCOFANO, Reuber Gerbassi. Ernst Cassirer e o imaginário. In: ALMEIDA, Nilma Figueiredo (org.). **Introdução aos pensadores do imaginário** [versão kindle]. Campinas, SP: Alínea, 2018.

STEIN, Murray. **Jung e o caminho da individuação**: uma introdução concisa. São Paulo: Cutrix, 2020.

THOMAS, J. Henry Corbin In: PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**: Curitiba: CRV, 2017.

TURCHI, Maria Zaira. **Literatura e antropologia do imaginário**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2003.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. Gaston Bachelard. In: PITTA, Danielle Perin Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand**. Curitiba: CRV, 2017.